

(Im)pressões partilhadas em *O País de Akendenguê*, de Conceição Lima

Shared (Im)pressions in *O País de Akendenguê*, by Conceição Lima

FÁTIMA FERNANDES*

A literatura dos países de língua portuguesa conheceu, nas últimas décadas, uma projeção interessante no espaço da divulgação contemporânea, oferecendo diversas oportunidades de tratamento teórico e o diálogo entre textos e realidades culturais ricas e promissoras. De caráter jovem, tais literaturas têm enfrentado crises políticas e sociais com que se confrontam os seus territórios, assumindo a contemporaneidade de forma plena e tentadora no sentido de desvendar os olhares de uma dimensão obscuramente ameaçada pela falta de estímulos à leitura, produção, edição e reflexão em torno de conteúdos por eles desbravados.

É neste contexto que lemos *O País de Akendenguê*, de Conceição Lima, representante da produção literária são-tomense, que tem conhecido uma tênue presença no conjunto da lusofonia, porém com uma versatilidade, acutilância e coragem que nos levam a acreditar numa literatura com futuro. Esse livro, publicado pela editora portuguesa Caminho, com data de 2011, composto por poemas de natureza dispersa, dividido em sete partes, vem ao encontro do leitor para iniciar uma década de novas configurações poéticas, pondo fim a um período conturbado vivido pela autora sob os limites da liberdade de expressão e pensamento.

* Universidade de Cabo Verde, Praia, Ilha de Santiago, Cabo Verde. Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo (bolsa CAPES PEC-PG). E-mail: fatima.fernandes@ise.cv.

Percorre esta obra um sentido espacial, entre o local e o universal, o real humano e o imaginário mítico, propiciando uma leitura plural das relações entre espaço-ilha e espaço-continente, por exemplo, na trajetória histórico-cultural em que dialogam São Tomé, terra-natal de Conceição Lima, e tantos outros referenciais geográficos, históricos e culturais a que se liga de modo transversal. Uma Bissau mais próxima, um clássico e remoto Nilo, por exemplo, traduzem no sentir do sujeito o quanto “Trespasar é a sina dos que amam o mar”, único verso que compõe “Fronteira” (LIMA, 2011, p. 44¹).

O mar ocupa uma simbólica co-referencialidade na trajetória dos povos atlânticos e Conceição Lima experimenta, na montagem do seu *O País de Akendenguê*, a possibilidade de prestigiar o seu pequeno país insular na relação com outros territórios, aumentando culturalmente a sua dimensão geográfica. Por isso a presença do país vizinho Gabão e seu poeta da identidade Pierre Akendenguê, em apelo aos vários povos que formataram a matriz étnica são-tomense, da África para a África, mas nunca limitando a leitura do espaço. Estamos perante uma leitura referenciada da autora que não prescinde do valor do tempo e da energia que as palavras alimentam nesse exercício comunicativo.

De “A mão e o rosto”, primeira parte, destaca-se “Os dias”, que nos diz:

Conheço tempos estranhos
Prenhes noites e manhãs
de nascimentos e medos e sortilégios.

De mãos dadas com a vida
cantá-los-ei
nos pendentes frutos do mamoeiro (*OPA*, p. 29).

Nascem nesse prenúncio da manhã os ciclos ancestrais do tempo com que o sujeito canta as manhãs que dão lugar às noites de cântico, mistério e aprendizagem, buscando nelas perpetuar o nascimento e a vida. Esta primeira parte do livro é uma pincelada de efêmeras sensações, que levam o sujeito ao que Hélder Proença chama, no prefácio, “metáfora fundadora dos seios maternos” (*OPA*, p. 14). Visões de gosto e pensamentos que se recordam em

1. Daqui por diante citado como *OPA*.

registro quase cinematográfico tipo *flash*, em poemas de um, dois e três versos, breves passagens pelo tempo e espaço, e contradizem a força mítica das origens africanas que querem preservar.

Depois, “Variações sobre a canção” reúne seis composições oscilantes entre o poema breve e o longo em prosa de “O amor do rio”:

Para ti esta água se liberta no meu canto, se reergue
[a velha Casa no meu pranto,
do meu seio rumoreja a nascente no teu quarto.
Este amor do grande rio nos convoca (*OPA*, p. 42).

É uma espécie de interlocução entre o sonho e o desejo, a saudade e a necessária busca de um enraizamento, pois a insularidade possibilita a vontade de um navegar constante entre o que se cria em admiração à terra de origem e o que se vive, na essência de uma pequenez de viveiro de tenras couves, de colheita sofrida. “Este lugar é a minha casa, não tenho outra. / Esta casa é o meu lugar, não quero outro.”, diz o poema, como se falasse do grande “amor” pelo seu país de pequena dimensão mas grandes sonhos, lembranças e questionamentos.

Não por acaso, “Os territórios desflorados”, quarta parte do livro, jogam-se entre o “Oculto” e “Esta viagem”, como que a pretender, reforçando “Caderno de Mulabo”, terceira parte e concretamente o poema “Erosão”, fazer ecoar, na estrutura breve que a dimensão espacial da geografia são-tomense e o espaço restrito e limitado da folha de papel testemunham, uma vontade grandiosa de indagação e libertação, pois: “Como o silêncio corrói as pedras da fortaleza assim o sussurro infiltra as paredes e adensa os semblantes” (*OPA*, p. 54). Guardiã e Mulabo alternam no protagonismo de tempos a prestigiar e forte é a força do “Não” que se repete anaforicamente no poema “Oculto”:

Não lhe vi o rosto
Não lhe viste o rosto
Não lhe viram o rosto
Não lhe vimos o rosto
Estava de braços (*OPA*, p. 65).

Parece atravessar este livro a preocupação de se estar sempre à procura do lado de lá, com consciência plena de se estar no lado de cá. Daí o sentido e a legitimidade do verso de “Fronteira”: “Trespasar é a sina dos que amam o mar.”

O intertexto tem igualmente lugar neste espaço de criação e de diálogo entre pensamento e vozes de um universo literário com fortes pontos de contato. Entre a homenagem e a inspiração, a presença e a referência a vários autores que se querem vivos nesta paisagem da escrita, emergem nomes sonantes de um universo de ricas representatividades: Sophia de Mello Breyner e Amílcar Cabral afiguram-se-nos como dois expoentes da criação literária e da consciência identitária que enraíza os povos de língua portuguesa. “Tu sabes que o futuro”, poema dedicado a Odete Semedo, escritora guineense, confirma o mapa de cores da lusofonia e o papel da tradição oral na configuração de uma africanidade sempre objeto de revisitação:

Revelaste provérbios, a verdade das cores
 Destrançaste dos tecidos os segredos.
 Partilhaste redondos saberes
 à sombra mais antiga da tabanca.
 [...]

 É que tu sabes que o futuro nunca deixou de habitar
 insólitos lugares – os olhos do Geba, a casa ao fundo.
 Por isso transportas cantando
 o pólen nas tuas feridas (OPA, p. 70).

Assim, a grande marca deste texto na sua teia intertextual encontra-se em “A dádiva”, quinta parte deste livro com que se faz lembrança e se homenagem Francisco José Tenreiro, porque a autor está presente “No coração da vida [onde] coloquei de mansinho Meu próprio coração” (OPA, p. 73). Em duas partes, formula, através da metáfora do “pintor sonhador”, o percurso de vida do grande poeta são-tomense, de vida breve mas longos registros em louvor da terra-mãe no seu *Coração em África* (1982).

O sexto caderno, “Os fantasmas elementares”, evoca lugares e personalidades que heroicamente avançam, entre fogo e metamorfose, na edificação de uma África contemporânea sustentada pela ação heróica dos seus combatentes. O mais prestigiado é, sem dúvida, Amílcar Cabral, personagem do

poema “Dolorosa ainda a heróica lavra, esta encruzilhada dos frutos” (“Segunda indagação”). Depois, não poderíamos ficar indiferentes ao apelo sentido, à saudade memorial e à admiração eterna por Alda do Espírito Santo:

Alguém um dia entrançou os dedos para agasalhar no
[quintal a chama; alguém ao rio fundiu a própria veia para
[alimentar a sede do solo, o património [...]

Sirvo-te o chá. Sento-me diante dos teus olhos. Estamos em casa (*OPA*, p. 93- 94).

Em “O coração da Ilha”, fecha-se o ciclo mágico que o livro desenha, não fosse ele por acaso constituído por sete partes; como o percurso dos muitos rios com que se atinge um só mar, para elevar o quadro de reconhecimento a Ana Paula Tavares. E, entre “Sementes” de ondas e projeção do presente no futuro da ilha, de outras ilhas, outros fados com que a história da humanidade nos brinda, tal como o presente ofertado pela autora, terminamos esta pequena inserção pelo mundo que os outros lhe deram a observar e a amar, apelando à leitura merecida desta obra e deixando que os cheiros, as cores e as palavras possam eternizar a idade da roda com que Conceição Lima circulou e circundou os caminhos e os jardins da nossa comum identidade literária, como se ao olhar o mar da varanda da sua ilha visse as varandas de todos os mares de palavras com que explodem os nossos ritmos, percursos e *estóreas*...

Referências bibliográficas

LIMA, Conceição. *O país de Akendenguê*. Lisboa: Caminho, 2011.

TENREIRO, Francisco José. *Coração em África*. Lisboa: Ed.África, 1982.

Recebido em 17 de julho e aprovado em 30 de outubro de 2012.